

ASCENSÃO E QUEDA DE UM REI

ASCENSION AND FALL OF A KING

Marcos Cardoso GOMES*

RESUMO

Creso é figura emblemática para os atenienses: representa a opulência do rei oriental. O historiador grego examina o indivíduo, colocando-o ora num embate com o pensador Sólon, a respeito da felicidade humana, ora numa situação de duas grandes desventuras: por ocasião da perda de seu primogênito e por ocasião de sua derrota para os persas. No primeiro caso, o rei lídio é vítima das limitações próprias de todo homem: não consegue avaliar a totalidade da vida humana, dado que está preso à sua própria; no segundo, é vítima da cegueira provocada por seus desejos: o de proteger a vida de seu filho, bem como a impossibilidade de conseguir perceber os sinais que apontam para sua desventura.

Palavras-chave: permanência/impermanência; ascensão e queda; poder, soberano/ soberania, desmesuramento.

ABSTRACT

Croesus is an emblematic figure for the Athenians: he represents the opulence of the Eastern King. The Greek historian examines the individual, and then puts him in a clash with the thinker Solon, concerning human happiness, now in a situation of two great misfortunes: at the time of the loss of his firstborn son and at the time of his defeat for the Persians. In the first case, the Lydian king is a victim of the limitations of every man: he cannot evaluate the totality of human life, since he is attached to his own; in the second, he is the victim of the blindness provoked by his desires: that of protecting his son's life, as well as the impossibility of being able to perceive the signs that point to his misfortune.

Key words - permanence / impermanence; rise and fall; power, sovereign / sovereignty, disrespect

A assunção do reino lídio por Creso aparentemente restringe-se aos capítulos 26, 27 e 28 do primeiro livro. Outros dados, no entanto, complementam esses informes. Os capítulos 51 e 92 trazem alguns indícios de

* Licenciado, Bacharel e Doutor em Letras pela USP, professor das Faculdades Anhanguera.

como Cresos chegou ao poder. No 51, informa-se que, entre as oferendas a Delfos, há uma figura dourada de mulher, de três côvados de altura,

representando a padeira de Cresos. Sabe-se, através de outras fontes que essa padeira não teria concordado em envenenar o pão do futuro rei, e ter-lhe-ia também comunicado a tentativa de golpe¹. No 92, a informação é complementada com esclarecimento de que parte das oferendas a Delfos foram originadas dos bens de um inimigo de Cresos, que chefiara uma facção dissidente, uma tentativa de colocar Pantaleão, filho de Aliates² e de uma mulher jônica, no poder.

Cresos e Sólon

A história de Cresos vincula-se à de seu bisavô Giges, visto que é sua geração a que deve pagar pelo crime cometido contra os heráclidas³. Giges, portanto, determinou o destino de Cresos. Isso foi manifesto por um oráculo, mas nenhum dos mermnadas e Cresos, inclusive, esteve atento ao fato. As tentativas de Cresos de escapar à ruína parecem-se com a esperteza de um ignorante, já que ele não dá a mesma atenção às consultas passadas que se fizeram a Delfos como dá às presentes. Sua história estava pré-determinada muito antes que ele subisse ao trono, pois: (a) ele tinha de pagar pelo passado e (b) ele não sabia o que poderia ou deveria saber.

Em princípio o problema de Cresos tal qual Heródoto apresenta é falta de conhecimento. *“Pode um hiato de informação que não deveria existir ser auxiliado por um informe vindo do exterior?”* (STAHL, 1975, p.4). Ainda que a resposta pareça positiva (veja-se, por exemplo, o conselho de Bias, que Cresos aceitou), as reações de Cresos às ponderações de Sólon revelam que nada mais cega e preserva a ignorância do que o próprio sucesso. É o que se pode concluir da conversação com Sólon. Essa conversação ocorre depois do rei lídio ter feito Sólon percorrer seu palácio e ter visto toda riqueza e opulência de seus tesouros, Cresos recebeu o sábio ateniense, interrogando-o a respeito de

¹ D. Asheri. *Erodoto, Le Storie*, libro I., Milano: Mondadori, 1989, p.295, informa em nota: a padeira de Cresos tinha salvo o jovem herdeiro do veneno que a mulher jônica de Aliates havia introduzido no pão (Plutarco, *Moralia*, 401e). A anedota é conexas com a conspiração de Pantaleão (I,92,2-3)”.
² Aliates, rei dos lídios e também pai de Cresos, teve várias esposas. Pantaleão é filho de uma concubina.
³ Trata-se do assassinato do rei Candaules, um heráclida pelo seu íntimo do palácio, Giges, um mermnada: esse crime ocorreu há três gerações. A análise que se segue acompanha muito de perto o ensaio de H.-P. Stahl *Learning through suffering? Croesus' conversation in the history of Herodotus*, YCS, XXIV, 1975.

quem era o mais feliz dos homens de que ele tinha notícia. A essa pergunta de quem é o homem mais feliz ocorreram duas respostas: **(I)** Tello, de Atenas, porque **(a)** a sua cidade florescia, **(b)** sua descendência – filhos e netos – era boa e todos estavam vivos, **(c)** ele vivia em relativa prosperidade e **(d)** sua morte foi gloriosa. Crespo insistiu com uma segunda pergunta: quem teria o segundo lugar. Em segundo lugar, propõe Sólon, **(II)** Cléobis e Bítton, porque, **(a)** eram cidadãos de Argos (uma cidade poderosa, entenda-se), **(b)** destacaram-se por sua excelência atlética, e sua mãe era considerada feliz, **(c)** viveram em circunstâncias satisfatórias e **(d)** os deuses garantiram-lhes o mais belo fim.

Lloyd (1987) considera a questão de outro modo. A expressão “terminar bem a vida” (palavras de Sólon em 32,5)⁴ é ambígua: significa de um lado, terminar a vida em prosperidade e, de outro, morrer de uma boa maneira. Tello teria conseguido o primeiro lugar na classificação de Sólon por ter somado ambos os elementos no fim de sua vida. No entanto, se se conclui por que Tello obteve o primeiro lugar, torna-se difícil perceber por que Cléobis e Bítton obtiveram o segundo, e, mais ainda, que relação pode ser estabelecida entre um e outro. Tello morreu após ter completado uma vida próspera. A morte gloriosa, no campo de batalha, foi compreendida como *kállista* (“a mais bela”, 1,30,5). A de Cléobis e Bítton, cuja vida também foi próspera, estava limitada por sua juventude: não tiveram o tempo necessário para casarem-se, terem filhos, realizando assim uma vida completa, garantida a perpetuação do nome pelos cultos que seus descendentes propiciariam a eles como seus antepassados. A escolha de seu destino também não proveio de sua parte, mas morreram quando o deus atendeu a uma súplica da mãe que lhes pediu o melhor à divindade. E eles obtiveram a “melhor” morte, *arístee* (1,31,3) não segundo a mãe, mas segundo o que a divindade considerava. O texto não conclui que a melhor morte é a gloriosa, o que forçosamente colocaria os argivos em segundo lugar.

A história de Tello é concisa, frisando imediatamente os pontos consistentes de sua felicidade. A de Cléobis e Bítton é três vezes mais longa e acentua mais sua morte do que suas vidas. Terem sido eles fortes e argivos

⁴ Esta numeração e as demais presentes no artigo dizem respeito a referências no texto de Heródoto, que, como costumava acontecer na época, apesar de histórico, ser escrito em estrofes e versos.

são dados reveladores. Sua força foi necessária para puxar o carro que conduzia sua mãe, e saber que eram de Argos importa, porque se conhecerá assim a distância por eles percorrida até o templo. Sua vida não era desgraçada nem isenta de posses, o que afasta o argumento de que sua morte lhes teria sido uma bênção em particular. A proposição da divindade foi a de que a morte é o melhor para todos os homens, mesmo para aqueles cuja vida – pelo menos de um ponto de vista humano – é um bem. Fica então a pergunta por que Heródoto teria escolhido essa história para ilustrar o segundo lugar, ou por que Cléobis e Bítton não se classificaram em primeiro lugar.

Entre o melhor e o mais belo não há pontos em comum. Lloyd cita Sólon, via Aristóteles, que considera a ambiguidade da frase “*Ninguém deverá ser considerado feliz enquanto viver*” (ARISTÓTELES, 1973, p. 10-11), cujos significados são estes:

- Não se é feliz porque a vida não propicia felicidade.
- Não se é feliz porque, ainda que se suponha afortunado e todos os fatos sejam indicadores que o comprovem, poderá ocorrer alguma surpresa desagradável e destruir a suposta felicidade.

A frase não ocorre em 1,29-33 (Narrativa de Cléobis e Bítton), mas em 1,86, momento em que Creso estava na pira. A história de Tellos preenche a segunda alternativa acima, enquanto que a de Cléobis e Bítton, a primeira. Ao invocar Sólon, Creso compreendeu o exemplo de Tellos, mas, entendeu também que ninguém é feliz, de acordo com o primeiro significado. Quando Creso perguntara pelo mais feliz, Sólon ilustrou a resposta com dois exemplos e em nenhum deles Creso se encontrava. De acordo com o ateniense, tem-se de esperar até o fim da vida para poder-se afirmar que alguém é ou não feliz.

Ora, na medida em que a vida é assim, o melhor, como bem demonstra a divindade, é estar morto. No entanto, para o homem que quer entender o fato, do ponto de vista de sua experiência, compreendendo a vida a partir de seus valores, a única hipótese viável é o exemplo de Tellos. Ele possuía alguma riqueza – o bastante para um homem grego –, tinha filhos e netos, bons e belos, sem que nenhum deles o antecedesse na morte, e morreu de modo glorioso, no campo de batalha, sendo pelo esforço reconhecido por seus

pares, que o enterraram no mesmo local em que tombara, perpetuando sua fama. São exatamente essas características que estão ausentes em Cresos.

A bem da verdade, Telos conseguiu somar o que foi impossível para Aquiles. Na *Ilíada*, os guerreiros dividem-se em “os bons de combate” e “os bons de batalha”. Alguns, com Odisseus são tão capazes na lida como na assembléia. Outros, como Nestor e Príamo, já passaram de sua época de combater, limitando-se à atividade do conselho, o que faziam com maestria. Quando a embaixada conduzida por Odisseus tentava convencer Aquiles de voltar ao combate, ele não se deixou persuadir e revelou quais eram os destinos previstos por sua mãe, a deusa Tétis: ou retirar-se do combate e voltar para sua terra e ter uma velhice tranquila, longe de atribulações, mas sem renome, ou morrer nos combates de Troia, abreviando a vida, mas alcançando uma fama imorredoura. Pelo que se viu, os dois caminhos eram inconciliáveis e Nestor, em numerosas passagens, confessou sua impossibilidade de lançar-se ao combate no presente, ao mesmo tempo em que recordava os grandes feitos realizados no passado. Telos aparece como uma possível conciliação desses opostos. Realizou sua vida, conseguindo ver sua descendência, inclusive os netos; possuía uma riqueza dentro dos padrões de uma cidade como Atenas, e teve a morte gloriosa, *kállista* (literalmente, *belíssima*), tombando em combate, numa batalha em que Atenas saiu vitoriosa.

Enterrando-o onde caiu, os atenienses perpetuaram-lhe a memória. É ele a síntese almejada por Aquiles, e, dentro do padrão de *Histórias*, escapa inteiramente das restrições que experimentam os soberanos.

Quando Cresos se aborreceu por ter sido preterido por gente comum, Sólon aludiu à inveja divina e dissertou sobre a condição humana, apresentando em números a duração máxima da vida humana, enfatizando a instabilidade humana e conceituando o homem como vicissitude. Relativamente a Cresos, o item (c) e o (a) estão preenchidos, mas nada se pode falar antes da realização do (d). Quanto ao (b), Sólon afirmou que uma grande riqueza, ainda que possibilitasse a satisfação de muitos desejos, não compensava as vantagens do homem pobre e feliz, que podia manter-se longe da desgraça, e possuía saúde e belos filhos. Ora Cresos tinha um filho surdo-mudo, o que contrariava sua alegada felicidade. Ele dispensou Sólon e, ao fazê-

lo, comportou-se como um de seus ascendentes, que ignoraram a sentença de Delfos.

As Tragédias de Cresos

À questão colocada por Cresos, a respeito da identidade do mais feliz dos homens, a resposta de Heródoto é negativa. O historiador deve ter tido o mesmo tipo de preocupação, dado que no capítulo 34 Cresos é punido com a morte do filho “por julgar-se o mais feliz dos homens”. Desconsiderando o conselho de Sólon, Cresos avançou na direção da desgraça e passou a realizar inconscientemente o oráculo de Delfos. Seu comportamento, tal qual o dos heróis trágicos, que não compreendem com clareza um bom conselho e se esquecem de indícios divinos, foi então um mecanismo de efetivação do oráculo.

Deve-se perguntar de que modo Heródoto deixa perceber em Cresos uma condição semelhante às estabelecidas nas tragédias de Ésquilo. O deus que tudo vê é substituído pelo oráculo de Delfos, que prediz a queda de Cresos, mas dentro dessa “peça” o conhecimento do oráculo não existe, mas os leitores sabem mais sobre Cresos do que ele mesmo. Cria-se, pois, a situação de ironia trágica. Cresos chamou a Sólon de ignorante, do mesmo modo que o Édipo de Sófocles chamou a Tirésias de cego tanto intelectual como fisicamente. Cresos está próximo de Édipo, pois seu conselheiro já lhe dera elementos para que percebesse sua própria situação: não era tão feliz como as personagens que lhe foram apresentadas nos exemplos. Diferente de Tirésias, que conhecia a verdade e o futuro, Sólon informava apenas o que percebia por sua experiência – e seu papel de porta-voz do historiador: o conceito de impermanência do Proêmio está aqui presente no conceito de que o homem é em tudo vicissitude.

É dentro do padrão trágico que estão colocados os fatos que se seguem. Preenchendo as condições (c) e (a), Cresos deixou de observar (b) e achou uma tolice esperar o fim da vida para julgar se alguém é ou não feliz (d). Quanto ao item (b), um de seus filhos era surdo-mudo e o outro, que se destacava entre seus coetâneos, morreu de maneira ingloriosa, ao contrário de Cléobis e Bíton, e

o fato ocorreu logo após a partida de Sólon. A perda do filho é apresentada numa sequência dramática. Creso é o herói trágico⁵. Advertido da futura perda do filho primogênito num sonho inquietante, em que via Átis ferido por uma ponta de ferro, tomou várias medidas para impedir a realização desse sonho: retirando as armas das paredes, afastando o filho das atividades militares, e casando-o.

Dois fatos justapuseram-se a esses: chegou Adrasto, que lhe pediu acolhida e purificação por ter matado indevidamente seu irmão. Creso purificou-o⁶ e acolheu-o. Logo em seguida apareceram uns mísios pedindo homens, armas, cães e seu filho para comandar o grupo, para matar um javali monstruoso que vinha lhes devastando as plantações. O rei lídio concordou com os pedidos, menos com o último. Átis, presente, persuadiu o pai a deixá-lo partir, pesando o argumento de que um javali não tinha presas de ferro. Ainda preocupado, Creso fez um adendo: convenceu Adrasto a acompanhar o filho, sob o pretexto de protegê-lo de possíveis emboscadas pelo caminho. Na caçada ao javali, o dardo de Adrasto golpeou Átis mortalmente.

Nesse drama o centro das ações é Creso. Ele sonhou com o acidente do filho; portanto, sabia o que estava por acontecer. Foi ele quem deixou o filho partir e, finalmente, por sua decisão, Adrasto acompanhou o grupo de caçadores. Os agentes Átis, mísios e Adrasto são secundários, estabelecendo as duas últimas condições para a morte do primeiro. Átis nem Adrasto são protagonistas, mas Creso, cujas decisões influíram fortemente na sequência dos acontecimentos e, quando ele calculou que trabalhava para afastar um mal, na verdade, foi ele próprio o instrumento concretizador desse mal.

Por julgar Sólon ignorante, Creso não lhe considerou as palavras com suficiente atenção e não conseguiu perceber na morte do filho um sinal da alteração do curso de sua sorte.

*

Passada a dor da perda do filho (item (b) no esquema de Sólon), Creso entregou-se febrilmente a uma campanha contra a Pérsia (item (a)). Para isso

⁵ Confira-se a brilhante análise estrutural de Immerwahr a propósito do episódio: *Form and thought in Herodotus*, p. 71-72.

⁶ Na Antiguidade, considerava-se um miasma matar membros da mesma família (fato que ocorre em boa parte das tragédias gregas). Quando isso ocorria, ainda que se tratasse de morte não intencional, o indivíduo deixava a casa e buscava asilo em outro lugar como suplicante. Quem o acolhia podia purificá-lo como rituais apropriados para tal.

testou antes vários oráculos, dando-se por contente com a resposta de Delfos, considerando-o, a partir daí como o mais verídico. Suas consultas seguintes deixaram-no cheio de contentamento.

Feitas as consultas a oráculos⁷, apenas as respostas de Anfiarau e a de Delfos agradaram a Creso, que os cumulou de muitos presentes. Ali, passados cem dias de sua partida, os consulentes lídios deveriam perguntar ao Deus o que fazia Creso naquele exato momento. Somente os oráculos de Anfiarau e de Delfos ofereceram respostas satisfatórias. A de Anfiarau não foi citada. A de Delfos descreveu o estranho cozimento que Creso fazia no momento. Tratava-se de uma mistura de carne de tartaruga com carne de cordeiro, preparadas num caldeirão de bronze⁸.

As consultas seguintes obtiveram respostas ambíguas. No capítulo 53, o oráculo informou Creso de que o envio de um exército contra os persas traria como consequência a destruição de um grande império. No capítulo 55, respondendo à indagação sobre a extensão de sua linhagem, Creso foi informado de que teria de fugir pelo rio Hermos assim que um mulo ascendesse ao trono persa. E finalmente, no 85, uma consulta a respeito da mudez de seu filho, o oráculo respondeu que o filho falaria num dia de desgraça.

Não obstante as informações francamente negativas presentes em cada uma das consultas, Creso “ficou satisfeitíssimo com os oráculos e muito esperançoso de que destruiria o reino de Ciro” (1,54,1). Esse pareceu ser o comportamento usual do tirano relativamente ao que quer compreender. Duas passagens de Xerxes ajudam a ilustrá-lo. Consultado por Xerxes a respeito dos gregos, Demárato habilmente faz uma consulta prévia: “Ó rei, como devo responder: dizendo a verdade, ou procurando agradar-te?” (7,101,3). Demárato era sagaz e tinha consciência da volubilidade do humor real. A mesma sorte

⁷ Ação equivalente aos cuidados que teve para impedir a realização de seu sonho – ou de pelo menos retardar ao máximo – a morte do filho, considerando-a inevitável.

⁸ M. Dobson em seu ensaio *Herodotus and the Hymn to Hermes* mostra as semelhanças que há entre o procedimento de Creso e o de Hermes, no *Hino a Hermes*, estando ali o Deus tratando de casco de tartaruga e de carne de cordeiro. Esse é o único oráculo a ficar sem decifração em *Histórias* e, segundo Dobson, Creso estaria testando Apolo sacrilegamente com um simulacro do sacrifício de Hermes. E assim, respondendo como o fez, a Pítia estaria chamando-lhe a atenção a seu ato.

Nos dizeres iniciais, a referência a “*compreendo também o mudo*” é um dizer proverbial e não referência ao filho de Creso” informa Asheri (*Erodoto, Le Storie*, p.292, n. 12-6). Entretanto, não deixa de ser um segundo aviso a Creso, sendo o primeiro, as referências de Sólon a filhos bons e belos da história de Tellos. Ocorreria nesse trecho uma coincidência entre a frase proverbial e a passagem específica, que Creso não chegou a perceber.

não teve o lídio Pítios, que se enganou a esse respeito. Tendo oferecido acolhida ao exército de Xerxes e posteriormente premiado por isso, considerou que tinha caído em suas boas graças, e por isso pediu-lhe para dispensar um dos cinco filhos da expedição contra a Grécia, com a finalidade de garantir sua descendência, entregando os outros quatro à campanha persa. O pedido parecia ter justificativa aos olhos de Pítios. Não é o que pensava Xerxes e, em sua resposta ilustrou exatamente o que se passa na mente de um monarca:

Extremamente encolerizado Xerxes lhe [a Pítios] respondeu com estas palavras: "Ó homem mau, atreves-te a lembrar-lhe de teu filho, estando eu mesmo engajado nesta expedição contra a Hélade, conduzindo meus filhos, irmãos, parentes. És meu escravo; é preciso incluir toda a tua família, mesmo tua mulher! Entende bem isto: o ânimo do homem mora em seus ouvidos; se ele ouve coisas corretas, enche seu corpo de satisfação; se ouve coisas opostas a essas, ele enche de cólera... (7,39).

A concepção de Xerxes põe a nu a de Cresos. Nesse pormenor seus comportamentos são semelhantes. Cresos ouviu Sólon contrariado e o dispensou, considerando-o um estulto por revelar uma opinião diversa da sua. Noutros momentos, Cresos revelou apenas uma flexibilidade, seguindo o conselho de Bias de Priene, a propósito dos insulares, e desistiu de construir naus para atacá-los. Mas ignorou as palavras de Sólon, bem como a de Sândanis, – as primeiras, gerais; as segundas, específicas – quando estava próximo de atacar os persas. Por não dar ouvidos a esses conselhos, eles se tornaram admoestações proféticas⁹. Cresos só perceberia a verdade das palavras de Sólon quando se deparou com o fim de sua vida. O conselho de Sândanis tornou-se realidade, depois que malogrou sua campanha contra a Pérsia e os persas invadiram cupidamente Sárdis (1,81-84). Mas por que, desconsiderando os conselhos dos homens, Cresos ficou tão satisfeito com as respostas ambíguas do oráculo, partindo em campanha *hamartoon tou chresmou* (“confundido pelo oráculo”, 1,71)?

Suas relações com Delfos foram reveladoras de seu caráter. Primeiramente, teve uma atitude sacrílega ao subordinar o oráculo a um

⁹ “O efeito de uma advertência proferida depende de ser ela aceita ou não; usualmente, mas nem sempre um conselho geral é rejeitado, e assim transforma-se em advertência, que tem um efeito dramático dentro do curso da narrativa”, Immerwahr, *Form and Thought in Herodotus*, p. 74-75.

teste¹⁰. Depois, cumulou o santuário com ricas oferendas, com o propósito de obter favores do deus. Ora, o deus do oráculo não podia ser “persuadido”, já que sua tarefa consistia em revelar a verdade. Se acaso o deus fosse inteiramente seduzido pelas oferendas de Creso, estaria falhando exatamente em sua principal tarefa, que era a de conhecer e revelar veridicamente o porvir.

A ironia trágica revelou-se aqui outra vez. Creso ficou feliz com a resposta do oráculo, o mesmo oráculo que, muitos anos antes, predissera sua queda, como último dos mermnadas. O rei estava atento às últimas leituras oraculares, que compreendia conforme seus desejos, mas esquecido das anteriores.

Antes de partir em campanha, Sândanis alertou Creso das desvantagens de lutar contra os persas: nada a ganhar em caso de vitória, e muito a perder em caso de derrota. Os persas não mais sairiam da Lídia depois de conhecer suas riquezas. Em ambos os campos (a) e (b) Creso foi advertido, mas tudo ignorou; ele próprio foi quem atraiu a desgraça para si. Foi ele responsável por enviar Adrasto à caçada, e por invadir a Pérsia. As razões enumeradas para a campanha foram: desejo expansionista, excessiva confiança nas palavras do oráculo e desejo de vingança (cf. 1,73,1). O ataque à Pérsia é sintoma da *hýbris* (excesso, orgulho) de Creso, começando pela travessia do Hális, um limite “natural” às suas possibilidades, marcada por um ato injusto: o ataque aos sírios capadócijs, que nenhum mal lhe tinham feito (1,76,2). Como no caso de seu filho, a cegueira de Creso estava aliada a um cálculo. Planejou em detalhes o ataque, mas somente foi perceber no campo de batalha que seus efetivos eram insuficientes. Dispersou seu exército, pretendendo reuni-lo na primavera seguinte com mais soldados, mas essa campanha assim interrompida concretizou a advertência de Sândanis – os persas interessaram-se pela Lídia e não mais a deixaram. A narrativa de Creso enfoca o tema do pensamento subjetivo (o campo do desejo) versus a objetiva (e desconhecida) verdade dos fatos¹¹. No desastre final evidenciaram-se objetivamente os conteúdos da mensagem de Sólon e dos sucessivos oráculos.

¹⁰ Em outros episódios de *Histórias* parecerá comum o testar oráculos. Cf. Mardônio, 8,134-5.

¹¹ Creso é punido nas duas esferas: pessoal e política. Entretanto, somente com a perda de seu primogênito se efetiva o oráculo, eliminando, pois, a linhagem dos mermnadas. A diferença entre o público e o privado é muito clara no logos de Deíoces, mas não tão imediatamente perceptível; p. ex., no de Astíages, na questão com sua filha e Hárpago.

*

De acordo com Stahl, Creso só é completamente compreendido se se inclui a carreira de Ciro. Por saber Creso pio, Ciro teve certa curiosidade em pô-lo numa pira para verificar se haveria alguma interferência divina a favor de seu prisioneiro. Uma pergunta que certamente fará o leitor de Heródoto: os muitos dons ofertados por Creso a Delfos não tiveram qualquer influência em seu destino?

Para o próprio Creso, que estava para morrer, as palavras de Sólon ressoaram-lhe como as de um ser iluminado. Afastou sua cegueira e compreendeu que seria útil a todos os reis conversarem com aquele sábio. Por reconhecer a sabedoria do ateniense e desejar propagá-la aos soberanos, “Creso transformou-se potencialmente num Sólon” (STAHL, 1975, p.13). O desastre final alterou a compreensão de Creso, que mudou seu julgamento a respeito do ateniense. Ao perceber que a mensagem de Sólon é dirigida à humanidade, Creso compreendeu humildemente que antes se colocava fora da natureza comum dos homens. Agindo assim qualificou-se como apresentador da mensagem de Sólon a Ciro e aos leitores.

Creso não só percebeu assim, como transmitiu essa percepção a Ciro, que alterou seu comportamento. Ao ouvir as palavras de Creso, compreendeu a situação que tinha diante de si, de três modos: (1) que sendo um homem, estava para queimar outro homem que lhe era igual – dado importante, porque reconheceu sua existência na imagem do outro; (2) temeu pela *tísis* (vingança), a consequência de sua ação; e (3) percebeu que a situação do homem era instável – ideia que retomou de Sólon (“o homem é em tudo vicissitude”, 1, 32) e do próprio Heródoto em seu Proêmio. A cena é bastante teatral. Mas o propósito de Heródoto foi esse mesmo: dar um tratamento literário ao acontecimento. A partir desse momento (1,85-90), o interesse e a ênfase do autor vão progressivamente passar de Creso para Ciro. É do ponto de vista deste último que se percebe a milagrosa salvação de Creso por Apolo. E assim se tem a resposta à curiosidade de Ciro: sendo salvo como foi, Creso mostrou que era um homem querido pelos deuses¹².

¹² Cf. Hrdt., 1,86,2: “...[Ciro] informado de que Creso era um homem pio, fê-lo subir à pira, querendo saber se alguma divindade o livraria de ser queimado vivo”.

Segue-se a conversação entre Ciro e Creso, transformado pela sabedoria. Os motivos da guerra (vingança por ter sido seu cunhado Astíages despojado do poder por Ciro) foram esquecidos e a ênfase toda recai sobre o tema II, a geral instabilidade humana. A precedência desse tema sobre a ordem lógica dos fatos já ocorrera no episódio de Gíges, na suposta conversação entre Sólon e Creso, na enumeração das causas da guerra (1,73), em que os motivos pessoais de Creso pesam mais do que os políticos, assim como o fato de Ciro colocar Creso numa pira se deve ao atendimento a um capricho pessoal.

Ciro aparece irreal e idealizado: falsa crença no lugar de fato histórico. Assim a propósito da questão de Ciro, por que Creso se tornou seu inimigo, é suficiente dizer que sua pergunta se faz num nível literário e humano, mas não no histórico (num restrito sentido da palavra). Eu arrisco a hipótese de que Heródoto confiava em que seu leitor distinguisse entre os dois níveis a partir de indicações que ele dava (STAHL, 1975, p. 15).

A partir disso, a transformação de Creso é completa, pois não compreende mais seus atos anteriores, considerando a guerra um absurdo, sua *hýbris* (excesso, orgulho) desaparece. A cena final é surpreendente: Creso aprende pelo sofrimento e Ciro também aprende, por observar a experiência de Creso. Uma questão se coloca: pode o homem aprender com seus próprios erros e os alheios?

Na cena seguinte, a resposta é afirmativa. Observando a pilhagem de Sárdis, Creso aconselhou sabiamente a Ciro como agir no momento, e Ciro pôs em prática a sugestão. Creso transformou-se em conselheiro de Ciro e percebeu claramente a sabedoria de Sólon (o item (c), a prosperidade, foi-se). Esse último conselho foi uma espécie de adequação do conselho de Sândanis: liga-se ao fato dos persas se interessarem pelos bens dos lídios. Ciro aceitou-o como anteriormente Creso aceitou o de Bias. Os papéis assim estão assentados: Ciro, o rei, Creso, o conselheiro.

A última consulta de Creso a Delfos esclareceu a razão de ser de seus males, de como lhe faltou precaução acrescida de quanto Apolo o auxiliou até o último momento, aquele em que se encontrava na pira. Creso revelou ter realmente compreendido, por aceitar sem qualquer contestação as palavras do oráculo.

Ao final, os fatos se encaixaram inteiramente: a geração de Creso pagou pelo crime de Giges; Apolo intercedeu o quanto possível para auxiliar seu devoto; Creso, agindo como agiu, sem saber de seu destino, trabalhou em favor de sua realização. Mas em momento algum, a realização desse destino dependeu de auxílio sobrenatural: desde os atos de Giges, tentando escapar da pressão do rei e, depois, da rainha, à tentativa de Creso em proteger seu filho Átis, ou ao seu otimismo na campanha contra a Pérsia, as motivações são apenas humanas. Não há qualquer interferência divina alterando a direção dos fatos, e Creso bem o compreende na última resposta do oráculo.

A grande lição de humildade e sabedoria de Creso dilui-se com o tempo. Contra os massagetas, estará dando um conselho errado a Ciro que, como Creso, fia-se em sua boa sorte a ponto de iludir-se inteiramente por ela. Aqui, então, a pergunta anterior, se o homem aprende com seus erros e os erros alheios, tem resposta negativa.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ASHERI, D. *Erodoto- Le Storie*: libro I. Milano: Mondadori, 1989.

DOBSON, M.. Herodotus 1.47. 1. and the Hymn to Hermes: A Solution to the Test Oracle. *The American Journal of Philology*, v. 100, n. 3, p. 349-359, 1979.

IMMERWAHR, H. R. *Form and thought in Herodotus*. Atalanta: Scholars Press, 1966.

LLOYD, Michael. Cleobis and Biton (Herodotus 1, 31). *Hermes*, v. 115, n. H. 1, p. 22-28, 1987.

STAHL, Hans-Peter. Learning through suffering? Croesus' conversations in the history of Herodotus. *YCS*, v. 24, p. 1-36, 1975.